

FLORENCIA BONELLI

O QUARTO ARCANO
O PORTO DAS TORMENTAS

Tradução de Isabel Fraga

I

Palácio do vice-rei, Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de Maio de 1806.

A baronesa Ágata de Ibar curvou-se sobre a velha senhora ao seu lado e, procurando alguma intimidade atrás do leque, perguntou:

– Senhora Barros, quem é aquele cavalheiro?

– Qual?

– O que está a agitar a luva.

– Roger Blackraven, o conde de Stoneville.

A velha senhora percebeu que a baronesa apreciava o conde inglês como um picador aprecia um puro-sangue.

– E a mulher ao lado dele? A sua esposa, quem sabe?

– Oh, não, apresentou-ma como sendo sua prima. Chama-se Éloïse Letrand. Francesa, segundo pude entender. E o jovem de caracóis loiros é o irmão dela, Prosper Letrand.

Ágata de Ibar batia no queixo com o leque fechado, sem afastar o olhar de Blackraven, que, nesse momento, arqueava a comissura dos lábios num sorriso irónico, perante um comentário da sua prima. Aquela expressão cativou a baronesa e levou-a a esboçar um sorriso idêntico, abrindo o leque com um golpe seco e agitando-o junto do rosto.

– Atraente, não acha? – murmurou a senhora Barros. – Apesar de ter chegado há muito pouco tempo ao Rio de Janeiro, tecem-se à sua

volta todo o tipo de conjecturas. Há quem insinue que é pirata. – Ágata de Ibar voltou-se bruscamente e a senhora Barros assentiu. – Dois dos seus barcos encontram-se ancorados na baía da Guanabara e diz-se que a sua frota é composta por mais de vinte. Outros asseguram que se trata de um espião inglês e há quem garanta que o é, sim, mas do imperador Napoleão. Não se sabe nada ao certo, apenas que é imensamente rico. E, se é rico, é poderoso.

– Apresente-mo, senhora Barros – pediu Ágata, e a velha senhora soltou um risinho.

O barão João Nivaldo de Ibar abordou-as nesse preciso momento e, delicadamente, agarrou a mulher pelo braço. Destacavam-se pelas suas figuras altas e magras, apesar de ela apresentar curvas voluptuosas. Ambos vestiam com elegância, sem mostrar os excessos de alguns convidados daquele serão oferecido pelo vice-rei em honra do aniversário do príncipe D. João, regente de Portugal, desde a declaração de insanidade da sua mãe, a rainha D. Maria I.

– Retiramo-nos, baronesa? Já é tarde – disse Ibar.

– Senhor, a senhora Barros ofereceu-se para me apresentar a uma amiga, a senhorita Eloïse Letrand – e apontou discretamente para ela. – Vossa Mercê sabe bem a falta que me fazem amigas. Desde que abandonei Lisboa, com exceção da encantadora senhora Barros, ainda não tive oportunidade de conversar com pessoas interessantes. Poderia Vossa Mercê aguardar que se fizessem as apresentações?

O barão assentiu e acompanhou-as até junto dos irmãos Letrand e do conde de Stoneville. A senhora Barros fez as apresentações, e falaram em francês. A baronesa olhava de soslaio para Roger Blackraven que de perto lhe parecia impressionante, um homem com classe, disso não havia dúvida, para além da sua corpulência e daquele olhar escuro e hipnótico sob umas sobrancelhas densas. Movimentava-se com grande à-vontade, e nada nos seus modos denotava uma natureza egocêntrica como acontecia com a maior parte dos homens da sua classe. Observou que ele não usava peruca e pensou que nenhum homem sensato o faria se possuísse um cabelo tão preto, tão abundante e vistoso como o dele. A sua atitude arrogante, que ofuscava todos os outros homens do salão, não era chocante e revelava um atributo natural que o fazia parecer um homem brilhante e um sedutor inato. «Apesar de tudo, sinto que pode

chegar a ser cruel como um dos cavalos de Diomedes», pensou Ágata, com um leve rubor de excitação. Emanava dele uma tal força e segurança, um cinismo que o teria levado a condescender com várias pessoas nessa noite, com o seu marido, sem dúvida, que se ria de uma piada qualquer, emitindo um som semelhante ao grasnar de um ganso.

Sim, Roger Blackraven tinha todo o aspecto de um cavalheiro. Mas ao mesmo tempo algo no seu semblante, no seu modo de se expressar e de olhar validava os boatos que o davam por flibusteiro. «No fundo», pensou a baronesa, «este homem acha-se Deus».

O barão de Ibar estendeu a mão a Eloïse e solicitou-lhe a dança seguinte, uma valsa. Blackraven fez o mesmo com a baronesa e Prosper teve de se conformar com a senhora Barros, que se recusou, afirmando não aprovar essa dança moderna.

As suas mãos eram grandes e fortes, como as de um camponês. Surpreendeu-a a mestria com que deslizava, fazendo-a sentir-se leve, parecendo também ele sê-lo, apesar do seu corpo maciço e pesado, que ela sentia ao agarrar-lhe o braço. Deviam fazer um par ridículo, ela muito magra, ele robusto e, no entanto, Ágata sentia-se bem nos braços daquele homem.

Segundo as regras da dança, Blackraven olhava a sua companheira nos olhos e sorria, embora os seus pensamentos segurassem outra mão e enlaçassem outra cintura. Subitamente dançava na tertúlia da sua quinta El Retiro, no calor daquele domingo, dia 2 de Fevereiro, e no seu espírito ecoavam as palavras que lhe murmurara para a tranquilizar: «Descontra-te e deixa-te conduzir por mim. A palavra valsa vem do alemão *wälzen*, que significa rodar. Esta dança não é mais do que isso, Isaura, rodar e rodar sobre nós mesmos.» Confiante, ela permitira que ele a guiasse pelo salão. Rodaram e rodaram, e ele, que nunca deixou de a olhar, foi testemunha de como as maçãs do seu rosto se ruborizaram, de como os seus olhos brilharam e de como o seu peito agitado lutou por transbordar o decote. Mais tarde, já de noite, loucos de desejo, embrenharam-se no rio da Prata e rodaram novamente, agora dentro de água, as pernas de Isaura entrelaçadas na sua cintura e os braços no seu pescoço, acabando por fazer amor na praia.

– Não me olhe dessa maneira, Excelência – pediu Ágata.

– Incomoda-a? – A baronesa sorriu numa atitude de quem admite a sua hipocrisia e Blackraven murmurou: – Era o que eu suspeitava.

– Para um conde inglês, Excelência, a sua educação deixa muito a desejar. Sou bem capaz de dar crédito aos rumores que o dão como pirata. – Blackraven riu-se, atirando a cabeça para trás, e Ágata conteve a respiração, fascinada. – Nem parece inglês – disse.

– A minha mãe é italiana. Talvez isso explique o meu aspecto pouco anglo-saxónico.

– Na verdade, explica. Diga-me uma coisa, Excelência, é realmente um flibusteiro, sim ou não?

– Não – Blackraven arqueou uma sobrancelha. – Desiludida?

– Teria sido uma experiência diferente conversar com um rufia dos mares, quase uma aventura. Reconheço que poderia ter sido também uma boa aprendizagem. Não sei nada do mar e dos seus mistérios.

Blackraven sorriu com indulgência e continuou a dançar.

– E que me diz dos mexericos que referem a existência de dois barcos propriedade sua ancorados na baía da Guanabara?

– Digo que é verdade.

– Como se chamam?

– *Sonzogno e White Hawk*.

– Hum... *Sonzogno e White Hawk*.

A valsa chegou ao fim e Ágata de Ibar ficou bastante decepcionada quando o seu par lhe pegou na mão para a devolver ao marido.

Ocupavam os melhores quartos do famoso Hotel Faria-Lima, a poucos quarteirões da residência real. Eloïse subia as escadas pelo braço de Blackraven, ao mesmo tempo que comentava o serão em honra do príncipe D. João.

– Não achas, querido? Roger, estás a ouvir-me?

– Desculpa, Marie – escusou-se o conde, tratando-a pelo seu verdadeiro nome. – Estava distraído.

Marie e o seu irmão Luís Carlos – que era apresentado como Prosper – trocaram um olhar. Desde a saída de Buenos Aires, o seu primo Roger não era a mesma pessoa, parecia ausente e melancólico, distraído e desinteressado. Ambos conheciam a causa da sua melancolia.

– Estava a perguntar-te se concordavas comigo acerca do barão de Ibar. Achei-o um homem encantador.

– Tiveste mais oportunidade do que eu de falar com ele. Confio no teu julgamento – declarou Blackraven, e a jovem baixou os olhos. Pouco tempo antes, a sua falta de critério em relação ao senhor William Traver quase custara a vida a Isaura Maguire, a mulher do primo.

– A senhora Barros convidou-nos para irmos a sua casa amanhã à tarde – comentou Luís Carlos. – Garantiu-me que iria estar lá a nata da sociedade carioca.

– Podemos ir? – entusiasmou-se Marie.

Tinham chegado à porta do quarto. Blackraven olhou-a nos olhos e, antes de lhe beijar a testa, sorriu e anuiu. O único motivo que o levava a conviver com aquela gente era tornar um pouco mais agradável a estadia dos seus primos. Antes de abandonar o Rio de Janeiro, precisava de se certificar de que ficariam rodeados de gente séria.

– Amanhã às dez da manhã – disse Blackraven –, iremos ver a tal casa no bairro de São Cristóvão. Tomaremos o pequeno-almoço na minha antecâmara às nove e meia.

Despediu-se também de Luís e dirigiu-se ao seu quarto, no mesmo andar, cumprimentando com um aceno um dos seus homens que montava guarda disfarçado de pajem.

– O criado passou uma mensagem debaixo da sua porta, capitão.

– Obrigado, Shackle. Tudo calmo?

– Tudo calmo, senhor.

Abriu a porta e baixou-se para apanhar o sobrescrito lacrado. Identificou o selo e não teria sido necessário ler o seu conteúdo para saber que iria encontrar lá dentro uma mensagem codificada de Adriano Távora, um dos espiões que, juntamente com Gabriel Malagrida (capitão do *Sonzogno*), Amy Bodrugan, Ribaldo Alberighi e Edward O'Maley, formava um grupo de cinco homens, sob as ordens do *Escorpião Negro*. Na verdade, restavam quatro. Dois anos antes, Ribaldo Alberighi tinha morrido em Paris, às mãos dos torturadores de Joseph Fouché, sem dar com a língua nos dentes.

À semelhança de Roger Blackraven, Adriano Távora transportava consigo o estigma de ser filho bastardo repudiado pelo pai. Filho natural de D. José I de Portugal e de D. Teresa Leonor Távora, nascera numa

prisão nos arredores de Lisboa enquanto a mãe, acusada com o resto da família Távora de tentativa de assassinato do rei, aguardava a execução. Tinha poucos dias de vida quando o primeiro-ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, que ficaria mais tarde conhecido como marquês de Pombal, exigiu também a pena de morte para a criança. A própria rainha Mariana, mulher de D. José I, se opôs a tal aberração, determinando que o menino fosse entregue à corte espanhola, sob a protecção da mãe, a bela e intrigante rainha Isabella di Farnesio.

A chegada de Adriano de Távora, com poucos meses, ao palácio de Madrid coincidiu com a do novo soberano de Espanha, Carlos III, que abdicara de um reinado em Nápoles para ocupar o trono de uma das nações mais poderosas da Terra. O novo monarca chegou com a mulher, Maria Amália da Saxónia, e uma caterva de filhos, entre os quais se contava uma ilegítima, a preferida do rei, Isabella di Bravante.

Comovido com a história do menino Távora, Carlos III permitiu que este fosse educado com os seus filhos, a quem Adriano acabou por considerar como irmãos, e talvez por partilharem o mesmo destino, Isabella, a ilegítima, era aquela de quem mais gostava. Adriano chorou e sofreu quando a jovem foi enviada para o palácio de Versalhes. Nunca deixaram de se escrever e Adriano conseguiu que o seu tio Carlos, assim chamava ao rei, o autorizasse a visitá-la uma vez. Foi assim que conheceu o filho da sua querida Isabella, Alejandro di Bravante, ou Roger Blackraven, como lhe chamavam desde os doze anos, altura em que o seu pai, o duque de Guermeaux, o retirou a Isabella, tomando-o sob a sua custódia.